



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

## **4. EDUCAÇÃO**

CURITIBA, 4 DE SETEMBRO DE 1964

NA UNIVERSIDADE DO PARANÁ, AO RECEBER O TÍTULO DE «DOUTOR HONORIS CAUSA».

Muito desvanecedora é a singular distinção que me confere a Universidade do Paraná, a mais antiga das Universidades brasileiras, incorporando-me à sua ilustre Congregação, onde têm assento renomados mestres do Magistério nacional. De fato, poucas honrarias me são mais gratas do que o título de Professor «Honoris Causa» com que acabais de me agraciar, e que, podeis estar certos, recebo também como nova oportunidade para me deter no exame dos problemas universitários.

Desde que assumi a Presidência da República, e venho, no desempenho do meu cargo, perlustrando vários Estados, não tenho dispensado de acrescentar a todos os meus compromissos locais a visita a uma instituição de ensino. E assim tenho procedido orientado pelo pensamento e pela convicção de ir encontrar, junto aos mestres e à mocidade, novos estímulos para o Governo.

Podeis, portanto, bem avaliar quanto prezo a honra que me é neste instante conferida, e que recebo, ao mesmo tempo, com humildade e reconhecimento. Ressalto ainda que me é tanto mais particularmente sensibilizadora esta homenagem quando parte da Universidade do Paraná, pois sei bem das suas tradições, que se estendem por mais de meio século.

Sei, também, que, apesar de ser a mais antiga entre as jovens Universidades brasileiras, tem sabido viver plenamente não só o seu papel histórico, mas a missão presente que cabe à Universidade, e que é de extrema complexidade e delicadeza no caso específico do Brasil, sacudido quando não traumatizado por intenso

crescimento demográfico inarmônico, e por descontínuo desenvolvimento econômico e cultural.

A Universidade do Paraná tem sabido compreender e cumprir, como deve ser compreendido e cumprido, que a Universidade se destina ao povo.

Abram-se-lhe as portas, sem distinção de condições econômicas, sociais, étnicas, religiosas ou políticas, a quantos, pelo mérito, lhes alcancem os umbrais.

Aos menos favorecidos pela fortuna deve ela ajudar, possibilitando-lhes plena dedicação aos estudos, para os quais comprovaram gosto e capacidade. Mas, não apenas nesse sentido deve ser a Universidade uma instituição vinculada a todos os setores da população. A erudição, a ciência, a técnica que nelas se cria e recria, não são riquezas apenas para serem aguardadas e resguardadas, mas patrimônio para servir à comunidade, favorecendo o seu progresso, não apenas cultural, mas contribuindo também à ascensão social e econômica, à saúde, ao bem-estar e ao conforto da coletividade à qual a Universidade pertence e em função da qual existe.

Foi o que bem entendeu a Universidade do Paraná ao criar sua Universidade volante. Não o fez para descer ao povo, nem para ir ao povo, mas para estar com o povo paranaense, servindo-lhe e impulsionando-lhe o extraordinário progresso e desenvolvimento.

Em resumo, a Universidade não pode estar separada do povo sob pena de não realizar a sua missão fundamental. Nem se diga que a Universidade deve ser democratizada, pois a verdade é que, se ela não fôr autenticamente democrática, também não será autenticamente Universidade.

Tudo isso, porém, sem rebaixar os currículos, empobrecer os programas ou descuidar da pesquisa, pois fazê-lo equivaleria a negar ao povo a ascensão cultural, científica e técnica que deve encontrar nos cursos universitários.

A Universidade é, por natureza e definição, o caminho democrático de uma seleção cultural, técnica e científica que nenhum

país livre dispensará para ter assegurada a sua soberania, o seu progresso e as liberdades populares.

E nessa obra da Universidade hão de se empenhar juntos mestres e alunos. Disse Leonel França, Reitor da primeira Universidade Católica Brasileira, e que cumpre lembrar nesta hora: «Nos seus recintos encontram-se, na intimidade de um convívio de todos os dias, duas gerações: a geração dos mestres, isto é, a geração dos que assimilaram, nos limites de suas especialidades, tôdas as riquezas culturais de uma época; a geração dos alunos, isto é, dos que prestes a lançar-se na atividade plena desejam entrar na posse dos tesouros de cultura que lhes pode oferecer o meio social em que vão irradiar, com vigor e energia de jovens, a sua ação fecunda. Do tipo superior de homem que formarem êstes centros de estudos elevados dependerá o nível de cultura de uma Nação, a solidez e eficiência de suas instituições, a riqueza de valôres que ela poderá oferecer aos seus filhos para expansão de sua humanidade».

Nada disso, entretanto, será possível se não fôr alcançado o perfeito entendimento entre professôres e alunos, cada um a se afirmar no cumprimento dos seus respectivos deveres e direitos. Por isso mesmo não deve haver nenhuma idéia preconcebida em relação às eventuais divergências entre mestres e estudantes. Até porque, se são grandes os deveres dêstes últimos, ainda maiores são os que assistem àqueles que precisam não perder de vista ser o aluno a finalidade da Universidade.

Daí a importância do modo pelo qual se desempenha o professor das suas obrigações, entre as quais não é das menores a preservação da autoridade pelo bom exemplo. Também não poderei deixar de mencionar, embora brevemente, os perigos que giram em tórno da liberdade de cátedra, condição básica do ensino. Se nada deve cercar a expressão do professor, que necessita transmitir a verdade tal qual ela se lhe apresenta, nem por isso poder-se-á admitir a transformação da cátedra num instrumento de proselitismo político, já que a função da Universidade consiste em pesquisar e divulgar conhecimentos e não conquistar partidários para determinadas idéias. Do mesmo modo que cumpre repelir fórmulas e sistemas políticos de intolerância, cabe evitar uma par-

cialidade capaz de deformar a capacidade de escolha e julgamento das novas gerações, às quais não fará mal pequena dose de dúvida. «É difícil — escreveu um professor — lograr a verdade definitiva nas ciências físicas; talvez não se possa alcançar nunca na ciência das relações humanas».

Assim, somente dentro de salutar equilíbrio, que está tão distante do neutralismo quanto do proselitismo, conseguirá o mestre transmitir conhecimentos sem prejuízo da incessante e indispensável busca da verdade.

Mas, se é importante o papel do professor, não é menor o dos estudantes. Bem recente é o exemplo que temos quando o próprio Governo, com objetivos que nada tinham com o ensino, tentou, através de métodos de corrupção e meios subversivos, transformar estudantes num instrumento de agitação partidária. O que significava colocar os estudantes não a serviço dos seus próprios interesses e aspirações, mas sob a tutela de objetivos completamente alheios à vida estudantil. Não se pode querer que os acadêmicos se mantenham indiferentes à vida do País, da qual são parcela importante. Mas, daí não há que inferir que atividades políticas sobrelevem aos estudos, que, afinal, devem ser a máxima preocupação da mocidade universitária.

Ao receber, senhores, este título de Professor «Honoris Causa» desta Universidade, seja-me permitido, como últimas palavras, com renovados agradecimentos e renovadas esperanças, prometer aos meus ilustres companheiros de comunidade universitária, os da Colenda Congregação e os do promissor corpo discente, que o meu Governo prestigiará a uns e outros, respeitando-lhes os direitos, e reclamando-lhes o cumprimento dos deveres. E espera, com o Estatuto do Magistério e com a legislação da representação estudantil, contribuir para dar à Universidade brasileira instrumentos para crescer harmoniosamente, propiciando a erudição, alicerçando a cultura, difundindo a ciência e estimulando a técnica. Isto é, realizar, em benefício do Brasil, o tríplice mister de depositária do saber, de difusora de conhecimentos e de renovadora da ciência.